

Em torno do vazio

Resenha de Yudith Rosenbaum, *Manuel Bandeira: uma poesia da ausência*. Rio de Janeiro, Imago, 1983, 207 p.

Freud já se perguntava sobre a natureza dos processos criativos. Antes dele, os gregos se interrogavam sobre as articulações existentes entre poesia e psiquê. Hoje em dia, com as fronteiras disciplinares abaladas, os processos criativos e a palavra poética são questionados a partir de disciplinas variadas, como a literatura, filosofia, cinema, psicanálise, produzindo novos contornos quando estes conhecimentos se colocam em relação. Relações que podem ser de aplicação de conceitos de uma área de conhecimento à outra, de sínteses ou, ainda (e é o que nos interessa), posições que, guardando suas especificidades, procuram pensar estes temas em intersecções possíveis.

Quando Freud coloca o "fantasmar" como fonte da escrita ("Escritores Criativos e Devaneios", 1908) e como natureza do trabalho criador ("Leonardo Da Vinci", 1910), visa demonstrar os efeitos do axioma (que percorre toda a sua obra) de que "... nós nunca abandonamos nada, apenas substituímos...". Com esse axioma abre-se o tema insistente da sublimação, como campo das formas e expressões que os afetos tomam.

O livro de Yudith Rosenbaum procura traçar um caminho sensível em torno da criação poética de Manoel Bandeira, orientada por uma metodologia "temático-estilística".

A "ausência" é destacada como o *topos* maior no processo de criação da obra "banderiana". Recorrendo a "dispositivos" literários e psicanalíticos, a autora faz uma análise detalhada dos textos do poeta, a partir da qual articula uma posição singular: a ausência enquanto um núcleo pulsional, de matiz melancólico, do qual emanam os temas e imagens da infância, morte e distância fundantes de sua poesia.

"O espaço entre o céu e a terra é comparável ao sopro de uma forja: ela é vazia mas não se exaure, em movimento não cessa de produzir".

Lao-Tse

Yudith escolhe esta bela citação taoísta para iniciar o leitor numa sucessão de imagens de vazio, que ao materializarem a ausência, fazem da poesia de Manuel Bandeira uma poesia tematizadora das perdas.

Paradisiaca, mitológica, o melhor que o tempo esconde... Assim é vista a infância - que o tempo esconde e que a palavra poética reencontra (e cria...). Diante da fugacidade das coisas, da inexorabilidade do tempo, Manuel Bandeira tece sua escrita evocando o que se foi.

Pela evocação e recordação a linguagem lírica perpetua a materialidade da vida. Os quartos, casas, esquinas, andorinhas, mechas de cabelos quando lembrados fundam um tempo "atemporal", próprio do sujeito lírico. Voz lírica com sopro modernista que faz de tudo material poético: "... tanto nos amores, como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas quanto nas disparatadas". (p. 66).

As emoções infantis são matizes da sensibilidade poética... A revolução tem papel importante nos processos psíquicos... O fort-da... Freud... A poesia como carretel.

Assim Yudith segue sua exposição fazendo da morte outro *topos* de significação. A morte aparece multifacetada e cambiante ao longo da obra (p. 65): da morbidez ao aconchego; sombria; inesperada; sabiamente aceita.

É com o *topos* da morte que a autora coloca morte e vida numa relação de tensão e a voz lírica enquanto atitude dialógica. Interroga-se sobre a

fala, o silêncio, o vazio e a ausência, sendo esta última a matéria-prima da poesia. Como diz a própria autora "é possível analisar a poesia banderiana calada em pares de tensões que se superam na harmonia da linguagem, ainda que continuemos a ouvir suas pulsações: aceitar X negar a ausência, imaginação X realidade, violência da dor X fantasia lúdica, indiferença no coletivo X sentimento singular, e ainda ruptura vida/morte X unidade e permanência do ser". (p. 96).

"A vida continua", uma das máximas de Bandeira, me faz pensar a poesia produzindo sentidos *entre* vida e morte. Cito aqui M. Chnaiderman: "É preciso eliminar a diferença textual entre imagem e coisa, o significante vazio e o significado pleno, o imitante e o imitado. O efeito produzido pela sintaxe e que dispõe o entre hímen espaçamento, branco da página, de tal forma que a suspensão, a tensão do sentido que sempre é não-sentido, prende-se somente ao lugar e não aos conteúdos das palavras". ("Literatura e Psicanálise e Semiótica. São Paulo, Escuta, 1989, p. 19).

É no quarto capítulo que está o núcleo do trabalho: a disposição melancólica como dinâmica psicopoética. Ao rastrear em Freud, Laplanche, Kristeva e Lacan a problemática da melancolia e da sublimação (aqui como

um parêntese teórico), a autora esclarece que a melancolia é usada enquanto disponibilidade psicopoética e abordagem do tema, e não como estado constitutivo do sujeito.

Quando Yudith diz que o poeta está impedido de construir uma identidade autônoma no mundo (cf. p. 105), ela insiste que a poesia banderiana é uma figuração de ausências, perdas e faltas. Sua criação poética não poderia ser pensada como um modo de identificação? Uma poesia de presenças suscitadas pelo que é experimentado de fragmentação do mundo, como a autora afirma, uma poesia que se constrói cada vez mais cheia de tudo.

Com os títulos "O espaço da distância" e "Eros e o tempo", Yudith chega ao final do seu trabalho. A palavra poética - dimensão da linguagem - situar-se-ia entre a dimensão real e virtual, na distância que delimita a lacuna; entre o efêmero e o eterno.

Através dos traços, resquícios, "a poesia simboliza o vivido de modo a prolongar seu efeito e cravar sua marca na palavra". (p. 54).

Manuel Bandeira surge então como um "flâneur" num passeio errante entre o atento e o distraído. O sofrimento encontra-se vinculado primordialmente à questão da finitude e da perda. "Mas para quê tanto sofrimento", se o eu lírico distrai-se com os movimentos mais simples da natureza? Como diz a própria autora, o que fica é a criação do canto para além da perda.

Regina Hallack é psicanalista, Acompanhante Terapêutica da Estação - Cooperativa de Acompanhamento Terapêutico.